

Cláudio Lacerda

Survey

Não é esse o país dos nossos sonhos

Os acontecimentos que paralisaram o centro do Rio de Janeiro por causa de um intempestivo e inexplicável aumento de 50% no preço das passagens dos ônibus urbanos estão, mais do que nunca, merecendo uma análise criteriosa de todos os interessados na democracia brasileira, a "plantinha frágil e tenra" da qual, nos falava Otávio Mangabeira.

Em primeiro lugar, é preciso ficar preparado para os conseqüências de um ato aparentemente de bom senso, que foi a meia volta do juiz que concedeu a liminar garantindo o aumento. Ao cancelar a medida, o juiz pode ter dado a muitos a falsa impressão de que os distúrbios de rua e a violência irresponsável são bons caminhos para se obter o desejado.

Em segundo lugar, deve-se lamentar mais uma vez o divórcio das decisões judiciais com os anseios da opinião pública, fato que se tem, infelizmente, tornado comum. Faltou ao juiz principalmente sensibilidade política e o Juriciário, nem no Brasil, nem em país nenhum e nem em época nenhuma, pode e deve agir fora de um contexto político. Político com maiúscula, é verdade, porque é essa a atividade que rege a vida das sociedades. O juiz não só não teve sensibilidade política, como chegou a admitir que decidiu ouvindo apenas as razões dos empresários, sem saber se a Prefeitura, o Poder concedente, concordava com o percentual de 50% pretendido.

É preciso ainda analisar a posição dos empresários donos das companhias de ônibus que, como tantos outros, acha que só os seus interesses contam. Já tivemos durante a vigência do Plano Cruzado I uma terrível sabotagem por parte de alguns empresários. Agora, quando se faz uma outra tentativa de estabilizar a economia, novamente surgem os que querem apenas ganhar. Se é verdade que o lucro é legítimo no regime capitalista, não é menos verdade que nos dias de hoje está ele sempre sujeito as pressões sociais e ao bem estar da comunidade. Exigir prejuízo de alguém não é possível. Mas permitir lucros acima do justo é loucura.

Mas não se pode deixar de analisar a atuação da Polícia Militar do Rio, que se mostrou inteiramente despreparada para impedir distúrbios nas ruas. A impressão que se tem é de que, terminado o período onde valia tudo e onde a violência era uma constante, o policiamento ficou atônito. Não habituado aos novos tempos, quando a violência gratuita não é mais admitida, o policiamento ficou totalmente órgão nas ruas da cidade.

Finalmente, é preciso analisar o comportamento dos que, nas ruas do Rio, enlouquecidos, quebravam e incendiavam ônibus. Foi uma garotada simples, incentivada e insuflada por profissionais da baderna, que continuam pensando de que "quanto pior, melhor".

Mais uma vez foram os mais fracos os maiores atingidos. Foi a garotada que jogou pedra a maior vítima do pouco que a polícia fez. Foi o povo que ficou ilhado na cidade, sem condução para voltar para casa e será ele que, provavelmente, vai pagar o grande custo da baderna.

E o problema é que casos futuros, que podem acontecer em qualquer outro lugar, sob qualquer pretexto, são sempre possíveis. A insatisfação é flagrante e basta a atuação de meia dúzia de agitadores profissionais para incendiar o ambiente.

Sendo assim, é necessário reconhecer desde logo que não é a atuação simplesmente policial que vai impedir casos como o do Rio de Janeiro. O problema é político e só pode ser resolvido por uma ação política séria e eficaz.

É, então, chegado o momento das lideranças brasileiras interessadas na manutenção da ordem democrática-sejam lideranças políticas, parlamentares, sindicais, de classe, etc-comecem uma ampla campanha de conscientização. Não será fazendo o jogo dos inimigos da liberdade, que estão agindo na esquerda e na direita, que vamos fazer o país de nossos sonhos. (Agência estado)